

OESP (cad 2)
26/6/97 D13a5
298

O ESTADO DE S. PAULO

D1

CADERNO 2



Uma região superlativa
É como Araquém Alcântara define os Estados do Norte que fotografa. Pág. 4



ANO IX NÚMERO 3.791 □ QUINTA-FEIRA, 26 DE JUNHO DE 1997

Três olhares captam o inusitado da Amazônia

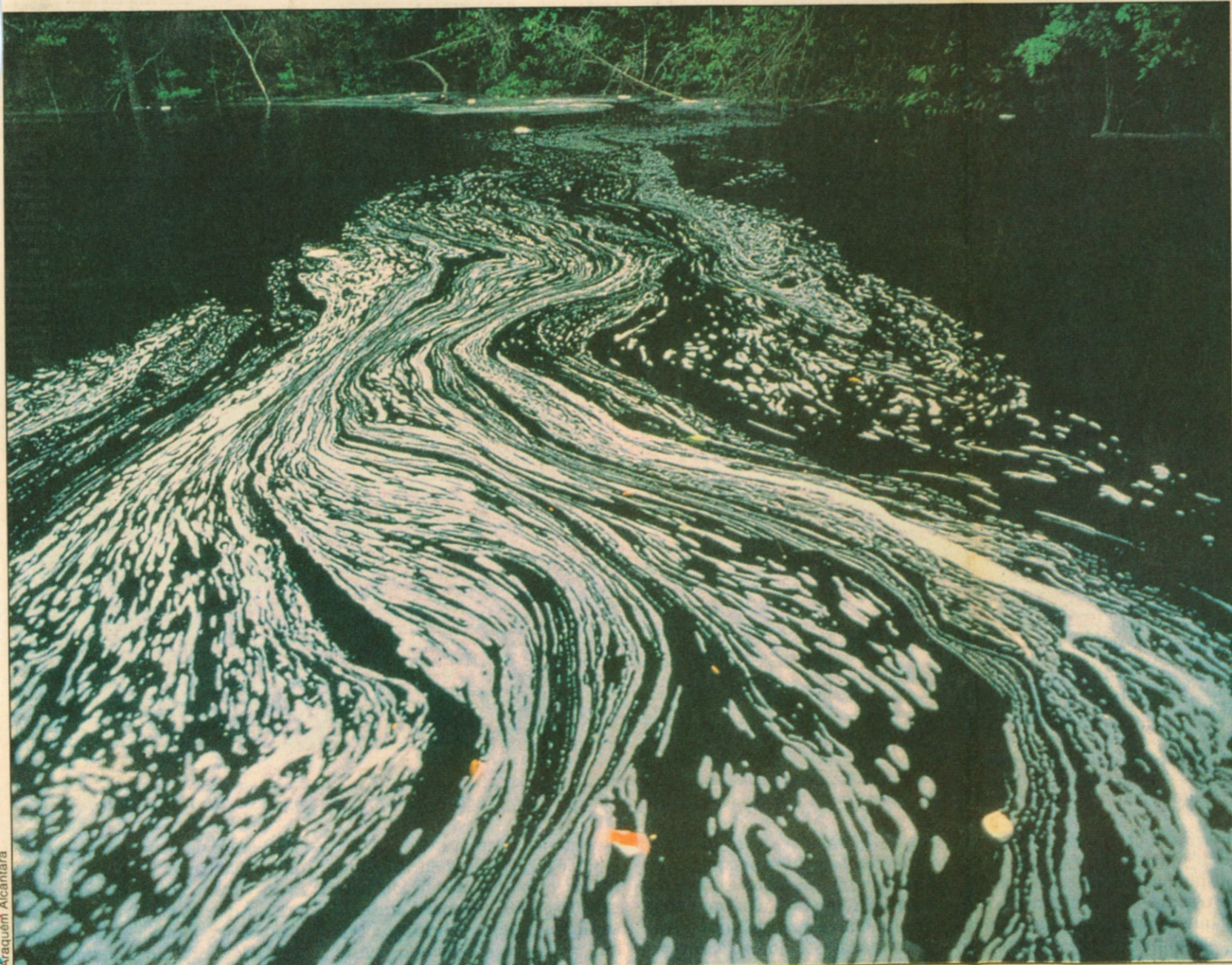
Pedro Martinelli

Há infinitas maneiras de ver a Amazônia, entre as notícias internacionais ambientalistas e os escândalos políticos de hoje e sempre (Márcio Souza tratou de casos de corrupção nos livros 'Mad Maria' e 'Galvez, o Imperador do Acre'). Se o exotismo deu ao cineasta alemão Werner Herzog razões para filmar na Amazônia o delirante 'Fitzcarraldo', outras visões a terra merecerá. Três delas, fotográficas, são tratadas nesta edição do 'Caderno 2': a do jornalista Pedro Martinelli, que se mudou para um barco e há três anos percorre a Amazônia, registrando imagens de sua gente; a ótica interiorizada — silenciosa, como ele prefere — do paraense Luiz Braga, que a cada foto diz escrever um capítulo de sua autobiografia; e a de Araquém Alcântara, que vai lançar em livro imagens dos parques nacionais, colhidas em quatro meses de viagem. Mais informações nas páginas 3, 4 e 5



(Mauro Dias)

Um dos trabalhos recentes de Pedro Martinelli: o jornalista e fotógrafo mora num barco e, há três anos, registra imagens poéticas do expressivo povo da Amazônia



Araquém Alcântara

A visão personalíssima do artista Araquém Alcântara: imagens dos parques nacionais foram colhidas em quatro meses de viagem



Luiz Braga

Do paraense Luiz Braga: a cada foto, um capítulo de sua vida

Martinelli desvenda o rosto dos caboclos

Na terça-feira, ele inaugura a exposição 'Retratos Amazônicos' na Galeria Imágicas

SIMONETTA PERSICHETTI
Especial para o Estado

O fotógrafo Pedro Martinelli, que está concorrendo ao Prêmio Multicultural Estadão, inaugura na terça-feira sua exposição *Retratos Amazônicos*, na Galeria Imágicas, em São Paulo (Rua Maria Figueiredo, 309, ☎ 284-1447).

Essencialmente fotojornalista, ele não se preocupa apenas com a busca estética ou em transmitir uma informação efêmera sobre o fato. Sua busca é a documentação de uma época, já que escolheu contar histórias com ajuda de imagens.

Pedro Martinelli faz parte daquela geração de fotojornalistas, formada no fim dos anos 60, que imprimiu forte marca documental no jornalismo brasileiro. São imagens com forte cunho social, que não pretendem ser mero apoio para o texto, mas contar uma história por si só. Imagens que se preocupam em desvendar o rosto dos acontecimentos.

As fotos que Martinelli mostra nessa exposição são parte de uma história maior, que quer registrar a vida do caboclo, do homem que habita a Amazônia. Ele não gosta de ser visto como um aventureiro, alguém que passa pela região, fazendo uma documentação superficial. Essa paixão pela Amazônia surgiu no começo dos anos 70, quando acompanhou os irmãos Villas Boas em suas incursões pela floresta. Ficou fascinado com a experiência e já naquela época pensou em morar na Amazônia.

Fascinação — Não deu. Voltou para a cidade, mas nunca esqueceu aquela sensação primeira. Como fotojornalista, voltou à região para cumprir pautas. Em cada viagem, sua fascinação aumentava junto com a frustração de não ter tempo suficiente para contar as histórias da forma como gostaria. Por dez anos, Martinelli colecionou tudo o que era publicado sobre a Amazônia e levou o mesmo tempo para montar seu projeto. Comprou um barco, o *Taba*, e com ele vem percorrendo a região há mais de três anos. O trabalho está sendo praticamente financiado pelo fotógrafo. Só no último ano ele recebeu a ajuda da Bolsa Vitae.

A Amazônia de Pedro Martinelli foge do convencional. Sua preocupação é contar a história dos habitantes da região, como vivem, trabalham e se relacionam com a floresta. Imagens que podem ser dramáticas ou glamourosas. Retratos posados em que o fotografado se encanta e se orgulha de ser registrado. Não são momentos roubados, são cenas criadas pelo próprio personagem da foto, seja na imagem da Festa do Boi do Parintins, seja na foto da menina sentada nos galhos de uma árvore, uma imagem onírica. Figurantes que passam ao plano principal da cena com tranquilidade. Parece que estavam esperando por aquele momento e se prepararam para isso. Retratos que procuram mostrar algumas das raízes do povo brasileiro.



Pedro Martinelli

Não é momento roubado, é um retrato posado no qual o fotografado mostra orgulho de ser registrado; é o figurante que passa ao plano principal da cena e mostra a tranquilidade de quem esperava por isso: trabalho de Pedro Martinelli tem a preocupação de contar a história dos habitantes da região, como vivem, trabalham e se relacionam com a floresta

Pedro Martinelli

Pedro Martinelli

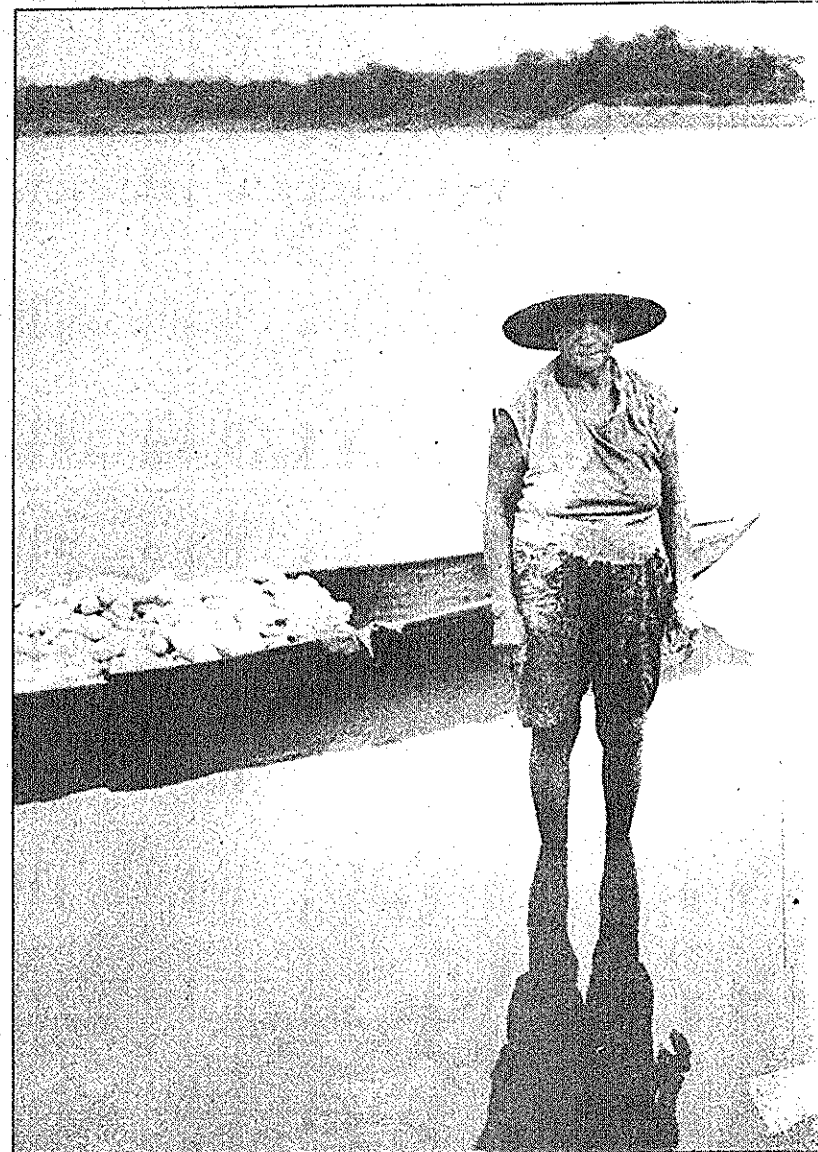
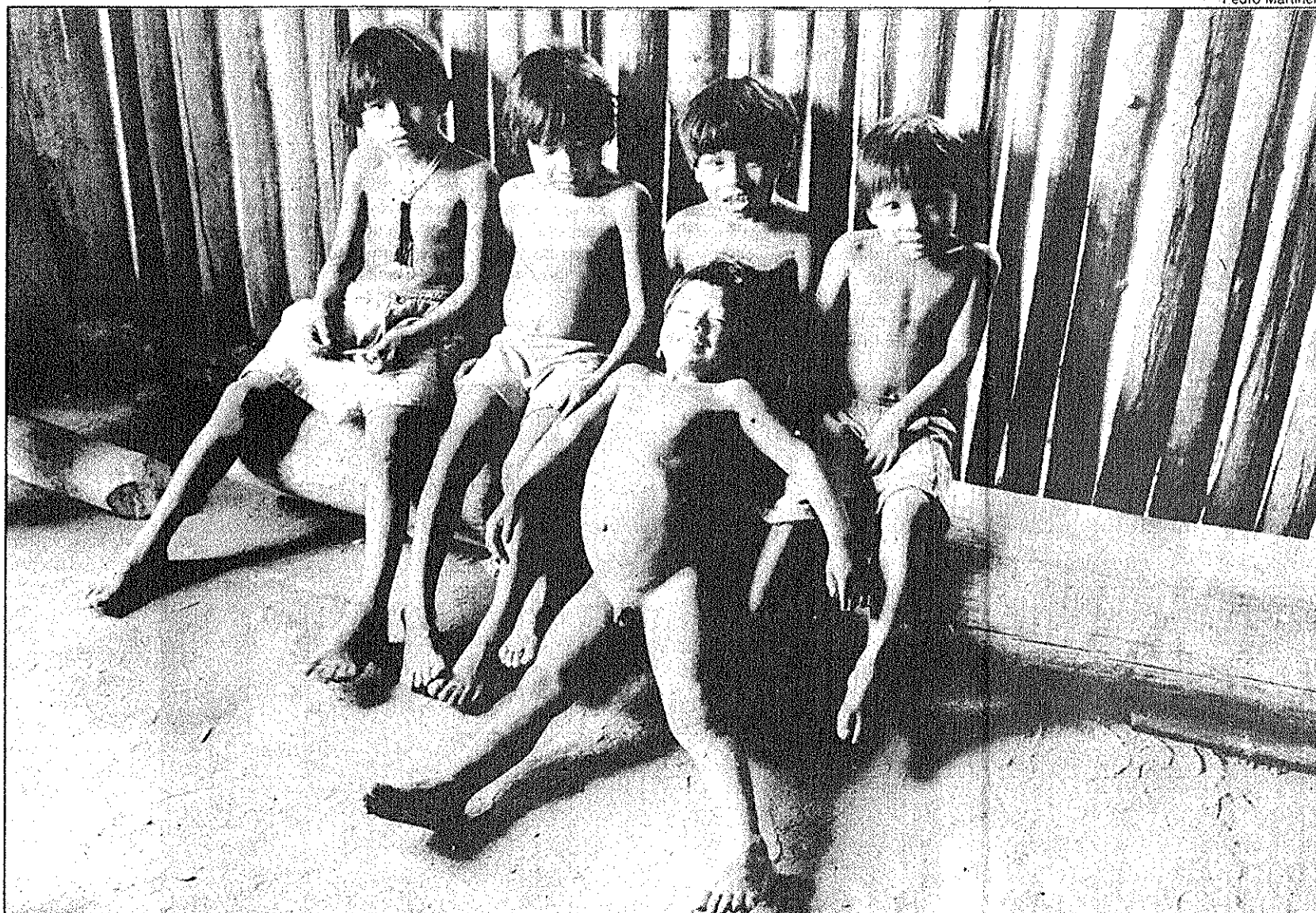


Imagem que conta história por si só: o autor não gosta de ser visto como um aventureiro, alguém que faz documentação superficial

Personagem da região: fotos à procura das raízes do brasileiro

FOTOGRAFIA

AMAZÔNIA

Araquém Alcântara pratica uma "ecologia de combate"

Ele quer continuar usando suas lentes em favor das grandes causas da natureza

SIMONETTA PERSICHETTI
Especial para o Estado

Araquém Alcântara voltou recentemente do que ele mesmo definiu de uma expedição na Amazônia. Durante quatro meses, percorreu, com seu assistente, de avião, barco, canoa, mas principalmente a pé, seis Estados da Amazônia Legal (Pará, Amapá, Roraima, Amazonas, Acre e Rondônia). Esse projeto faz parte de um maior, que começou há dez anos, de fotografar os parques nacionais brasileiros. O resultado será publicado no livro *Terra Brasil* (DBA/Melhoramentos), que será lançado em São Paulo, com uma exposição no Masp, em setembro. A empreitada contou com o apoio da WWF, Fundo Mundial para a Natureza, da FujiFilm e da Technoad, agência marítima de Santos.

Estado — Por que expedição? O que foi na verdade essa viagem?

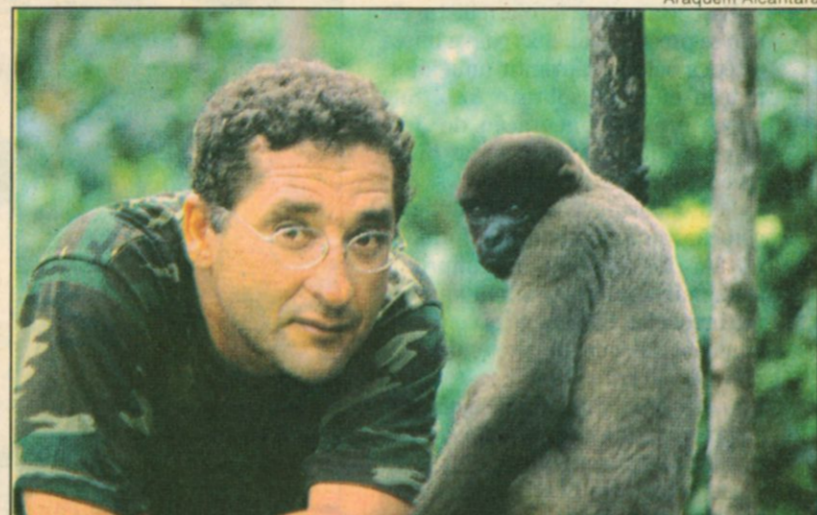
Araquém Alcântara — A Amazônia é uma coisa tão superlativa, tão mágica, que passar lá quatro meses para fotografar sete parques, só sendo mesmo uma expedição, organizada por etapas. Em cada parque, uma expedição. Na verdade, foram sete expedições e milhares de quilômetros rodados. A Amazônia ainda é desconhecida. Tem espaços ainda completamente inacessíveis. Essa expedição é o complemento de um trabalho de dez anos, de documentar o rosto do homem brasileiro nos diversos ecossistemas, a partir dos parques nacionais.

Estado — A Amazônia sempre foi o sonho de todo aventureiro ou expedicionário, de todo cineasta, de todo fotógrafo. De uns tempos para cá, porém, parece que foi redescoberta. Que fascínio ela exerce sobre as pessoas? É a sua inaccessibilidade?

Alcântara — Realmente, o interesse pela Amazônia é cíclico. Ela está em nosso imaginário, uma nova terra, inferno verde. É o último novo mundo. Para mim, foi uma viagem mágica, de celebração. Aprendi muita coisa. Fui a lugares, parques, que são verdadeiras miragens. Áreas muitas vezes nem demarcadas, mas são chamadas de parques.

Estado — O seu olhar na Amazônia é o olhar de um "estrangeiro". No que se diferencia seu trabalho do de outros fotógrafos que também estão indo fotografar a Amazônia?

Alcântara — Nunca pensei nesses termos. A Amazônia faz parte desse meu projeto maior de fotografar os parques do País. Já tinha ido algumas vezes fotografar na Amazônia e sentia que ela me recebia bem. Tinha confirmações quase esotéricas de que tinha de passar um longo tempo fotografando lá. Acho que o fotógrafo de natureza, se é que podemos chamá-lo assim, tem de fotografar a



Alcântara: ele quer deixar uma memória fotográfica do Brasil

Amazônia. Fotografar natureza no Brasil é muito difícil. Temos a mata atlântica e a amazônica. É a eterna competição com a luz. É tudo muito escuro. Meu trabalho é o de um andariço, de documentação de raízes, não saberia diferenciar do trabalho de outros fotógrafos. São linhas diferentes. O que me caracteriza é uma linha poética.

Estado — Você se caracteriza como fotógrafo de natureza. Ao mesmo tempo, diz que seu trabalho é documentar o homem brasileiro. É jornalista de formação. Afinal, o que é um fotógrafo de natureza?

Alcântara — É aquele que vai ao encontro, que busca essa interação que está na própria palavra ecologia. O homem interagindo com o meio.

EM SETEMBRO, LANÇA O LIVRO 'TERRA BRASIL'

plano, mas, para mim, o centro da fotografia de natureza é o homem. Não é só o desaparecimento do mico-leão, mas também a fome do caboclo ribeirinho. O fotógrafo de natureza não é alienado das questões sociais. Faço uma ecologia de combate.

Estado — O que é isso?

Alcântara — Não é uma fotografia de natureza. É o homem. Não é só o desaparecimento do mico-leão, mas também a fome do caboclo ribeirinho. O fotógrafo de natureza não é alienado das questões sociais. Faço uma ecologia de combate.

Estado — Muitos lugares no Brasil precisam ser descobertos. Como conseguir, então, com a fotografia de natureza, fugir desse olhar exótico, que mostra e vende o Brasil lá fora?

Alcântara — Isso depende do repertório do autor. Do que ele quer dizer. Vejamos, por exemplo, o traba-

lho de Pedro Martinelli ou de Elza Lima. Vejo em suas fotos o que eles querem dizer. O trabalho deles é real. Vejo várias Amazônias no Brasil. Temos uma fotografia vigorosa. Os fotógrafos documentaristas são muito importantes. Temos trabalhos incríveis, feitos no Brasil, que fogem desse olhar exótico. Fica cada vez mais claro que não tem sentido essa classificação de fotógrafo de natureza. Nesse momento, estou interessado em contribuir para a memória ecológica.

Estado — Pelo que estou entendendo, você, por meio das paisagens, reconstrói a história do homem. Mesmo que ele não apareça na sua imagem, você presente a sua presença, assim como quando ele aparece você consegue decifrar a que paisagem ele pertence. São pistas que você deixa pelo caminho?

Alcântara — É incrível isso que você diz, remete-me a algo que li em algum lugar sobre os arquivos da memória. Já falei que tive algumas confirmações esotéricas do que deveria fotografar. Evidências: Este é um país escasso em memória visual. Então, começo a criar linhas, seguir traços. As vezes, estou seguindo as pegadas desse homem enquanto fotografava seu referencial. Ao fotografar a cozinha de um caboclo que mora na Serra do Divisor, na fronteira com o Peru, mostro mais da vida desse homem do que se estivesse retratando o próprio homem.

Estado — Na expedição pela Amazônia, qual foi a maior surpresa?

Alcântara — Na Serra dos Pacaás Novos, na região central de Rondônia, você encontra 32 cachoeiras. Um lugar fantástico, ainda inexplorado. Lá encontramos os índios uru-u-wau-wau. Mas o impressionante mesmo é saber que lá existem tribos indígenas que ninguém contatou. O descobrimento da Amazônia ainda não foram revelados. Acho que é isso que faz um fotógrafo fugir do olhar exótico geralmente mostrado.

Estado — Você falou em confirmações. Você é esotérico?

Alcântara — Totalmente. Tem um pensamento do Maiakovski que se aplica bem a mim: "Omigod a anatomia fica louca. Sou só coração." Esse é o meu norte. A fotografia para mim é um caminho para o autoconhecimento, que escolhi há 25 anos.

Araquém Alcântara: "O descobrimento da Amazônia ainda não terminou, os mistérios ainda não foram revelados; acho que é isso que faz um fotógrafo fugir do olhar exótico geralmente mostrado"



Braga: "Na medida que fotografava, percebia que o que registrava era a crônica da minha vida"

Luiz Braga persegue o lado calmo e intimista da região

Sua meta é fugir da pura documentação e cuidar do desenvolvimento de uma expressão pessoal

Luiz Braga nasceu, cresceu e vive em Belém, no Pará. Nos anos 70, começou a envolver-se com a imagem, mas só em 1980 realizou seu primeiro ensaio sobre o cotidiano da cidade. Ele vive o eterno desafio de quem mora na Amazônia, paraíso de fotógrafos, exploradores e expedicionários, que "roubam" imagens com olhares exóticos e muitas vezes preconceituosos. Desde o início, sua proposta de trabalho foi criar um olhar contemporâneo da Amazônia. Suas imagens são calmas, não têm pressa. Não enfeitam a vida dos habitantes. São imagens de uma Amazônia intimista, título, aliás, de seu mais recente ensaio, desenvolvido com a Bolsa Vitae que ganhou em 1996.

Estado — Como é fotografar uma região cobrada por fotógrafos de várias partes do mundo e já foi registrada de diversas maneiras?

Luiz Braga — Quando me voltei para a fotografia, nasceu meu interesse de fotografar a Amazônia. No início, eu também tinha a ideia de fazer um grande registro do local. Separá-la em temas e contar várias histórias. Com o tempo, dei-me conta de que isso era humanamente impossível. Não se pode querer fotografar tudo, os bichos, a paisagem, os índios. Fotografando, fui percebendo que a minha inspiração continuava sendo a Amazônia e tudo o que ela tem de fascinante; mas deveria ver isso como um suporte para minha evolução como fotógrafo. Deveria concentrar meu trabalho não numa pura e simples documentação, mas no desenvolvimento de uma expressão pessoal e evoluir como artista. É isso o que venho fazendo. Comecei a relacionar-me com o mundo a partir da fotografia. Comecei a entender-me como gente depois que comecei a fotografar.

Estado — O que a fotografia fez por você?

Braga — Sempre fui uma pessoa muito tímida. A fotografia deu-me a possibilidade de chegar e de me aproximar das pessoas. Em seguida, permitiu-me um processo de autoconhecimento. Na medida que fotografava e via o resultado, percebia que o que estava registrando era a crônica da minha vida. Cada foto reflete um momento que vivi. Percebi que

fazia uma autobiografia com as minhas fotos.

Estado — Você diz que a fotografia o aproximou das pessoas. Em geral, as pessoas têm medo de câmeras. No seu caso, ela criou um vínculo. Como foi isso?

Braga — Nas minhas primeiras fotos, as pessoas não apreciavam. Só apreciavam superfícies. O homem está perceptível, porque tudo o que fotografava foi feito pelo homem. Foi um caminho de sedução. Comecei a aproximar-me das pessoas aos poucos. Não procuro nenhum tipo de alvorço que vá inibir o ser humano. Nunca invadi a privacidade de ninguém. Aos poucos, fui estabelecendo um diálogo de olhares. A fotografia começou a funcionar como um espelho para mim. Minhas fotos são silenciosas, porque não sou barulhento. São tranquilas, porque gosto de tranquilidade. Não fotografo eventos, porque não gosto de festas. A beleza da vida está no dia-a-dia. Não acredito que alegria tem hora marcada. Meu ritmo de trabalho é mais lento e segue o ritmo das pessoas que vivem lá.

Estado — A sua calma foi a responsável por fazer você deixar de lado o jornalismo documental para voltar-se para uma Amazônia mais intimista?

Braga — Sempre tive a necessidade de desenvolver o meu trabalho pessoal movido pelo desejo, não pela necessidade. Desde o começo, sabia que meu caminho na fotografia passava por um trabalho mais autoral.

Estado — Como você se tornou fotógrafo?

Braga — Sou um autodidata. Aprendi a fotografar na marra. Tive um amigo que me ajudou muito, traduzindo revistas italianas de fotografia que chegavam a Belém com seis meses de atraso, para que eu pudesse entender o que estava ocorrendo. A distância era muito grande. Não tinha, na época, com quem dialogar. As pessoas que fotografavam em Belém eram fotógrafos comerciais. No começo, foi difícil. Em 1984, a Funarte realizou uma semana de fotografia em Fortaleza. Lá tive contato com toda uma geração, que estava desenvolvendo trabalhos fantásticos. Isso me fez perceber a importância da troca de experiência com fotógrafos que desenvolviam trabalhos na mesma linha. Tive a certeza de que estava no caminho certo e meu trabalho tinha de ser desenvolvido em Belém, onde teria a

possibilidade de criar uma obra diferenciada.

Estado — Suas imagens, como você mesmo diz, são calmas, quietas. Ao mesmo tempo, você trabalha com cores saturadas, que têm uma grande força, se impõem, falam...

Braga — Ao caminhar por Belém, deixo que as cores da cidade me absorvam. São cores muito contrastantes, que foram sendo incorporadas aos poucos ao meu olhar. Não sei como explicar isso. Assim como não lembro como aprendi a andar, não sei dizer como a cor entrou no meu caminho. Sou uma pessoa atenta e fiquei observando nuances das cores do céu, das luzes de mercúrio, do movimento da cor, da temperatura. Vivo a cidade, não estou passando por ela.

Estado — É difícil fotografar a Amazônia?

Braga — O difícil é percebê-la numa primeira olhada. Não precisa nascer na Amazônia para fotografá-la, mas precisa envolver-se com ela. As coisas têm um ritmo diferente por lá. As viagens de barco, por exemplo, duram 12, 18 horas. A chuva, quando cai, acaba estabelecendo uma cadência. Na verdade, as pessoas da Amazônia não deveriam ter tantos anos de vida, deveriam ter tantas chuvas de vida. É uma cadência inevitável. Essas minhas observações podem ser resultado da minha herança índia, mas para fotografar a Amazônia é preciso compreendê-la, no sentido de fazer parte. E não se consegue isso numa viagem.

Estado — Você vive lá. Seu olhar não é o olhar do estrangeiro que passa, faz algumas fotos e volta para casa. Que Amazônia você está querendo mostrar?

Braga — Primeiro, quero desenvolver para a Amazônia tudo o que ela me deu a vida inteira. A Amazônia que quero mostrar é livre dos estereótipos, dos exotismos. Muitas vezes, fico chocado com a forma bitolada com que fotografam os lugares. Eles não têm a menor ideia do que é a região. A Amazônia, para mim, é natural, as pessoas estão em paz com seu ambiente. Ela tem tanta miséria como em qualquer outra parte do mundo e do Brasil; tem tanta violência como tem em outros países. Belém não é uma cidade miserável. O que eu mostro é o dia-a-dia dessas pessoas, dos caboclos. Visito e revisito, muitas vezes, os locais que fotografo. Relembro, de forma quase oral, o meu discurso. É no cotidiano que está a verdadeira beleza da vida. Não acredito que se precisa de um fato excepcional para fotografar; o que tem de ser excepcional é o resultado do trabalho. (S.P.)



Luiz Braga

"Minhas fotos são silenciosas, porque não sou barulhento; são tranquilas, porque gosto de tranquilidade; não fotografo eventos, porque não gosto de festas; a beleza da vida está no dia-a-dia"



Luiz Braga

"Sempre tive a necessidade de desenvolver o meu trabalho pessoal movido pelo desejo, não pela necessidade; desde o começo, sabia que meu caminho na fotografia passava por um trabalho mais autoral"



Luiz Braga

Numa semana de fotografia realizada pela Funarte em 1984, Luiz Braga descobriu que estava no caminho certo: seu trabalho tinha de ser desenvolvido em Belém, onde poderia criar uma obra diferenciada



Luiz Braga

Braga: "Você não precisa nascer na Amazônia para fotografá-la, mas sim envolver-se com ela; é necessário compreendê-la no sentido de fazer parte dela e não se consegue isso numa viagem"



Luiz Braga

"A Amazônia que quero mostrar é livre dos estereótipos, dos exotismos; muitas vezes, fico chocado com a forma bitolada com que fotografam os lugares, eles não têm a menor ideia do que é a região"



Araquém Alcântara

"Uso a fotografia como olho-gatilho, uma maneira de gritar e ajudar os que morrem silenciosamente"



Araquém Alcântara

Serra dos Pacaás Novos, no Estado de Rondônia: um lugar fantástico, ainda inexplorado, que abriga 32 cachoeiras e tribos de índios que não foram contatadas



Araquém Alcântara

Coruja-gavião: durante quatro meses, o fotógrafo percorreu, com seu assistente, de avião, barco, canoa, mas principalmente a pé, seis Estados da Amazônia Legal